

SALIÊNCIAS

José Manuel Cruz

2026

 EDIÇÕES
CARMELO

AUTOR: José Manuel Cruz

COLEÇÃO: *Memorabilia* – 4

ASSISTÊNCIA À EDIÇÃO: Frei João Costa

DESIGN E PAGINAÇÃO: Delfim Machado

CAPA: Tiago Gonçalves

1.ª edição: junho de 2026

IMPRESSÃO • ACABAMENTO

Graficamares, Lda

DEPÓSITO LEGAL n.º

ISBN 978-972-640-245-9

© 2026, Edições Carmelo

Convento de Auessadas

Apartado 141

4634-909 Marco de Canaveses

Tel.: +351 255 531 354

E-mail: editorial@carmelo.pt | www.carmelo.pt

PREFÁCIO

O PRESENTE LIVRO DE JOSÉ M. CRUZ SURGE na sequência de vários volumes dedicados à figura de Frei João d'Ascensão ou nela inspirados, de quem tem sido sobretudo entusiasta seguidor. Mas este é fundamentalmente diferente (embora mantendo a referência viva), por se tratar de um texto em primeira pessoa, quase autobiográfico, que reflete de forma alargada, num plano intelectual e num plano prático, sobre o cristianismo no contexto europeu contemporâneo. Contexto esse que pode perfeitamente ser considerado *pós-secular*, não apenas a partir de dados sociológicos ou analíticos, mas também a partir da perspectiva em que o autor o considera. E fá-lo numa linguagem exoticamente sinuosa mas, ao mesmo tempo, fascinante e mesmo viciante – tudo recheado com uma boa dose de humor fino e inteligente, do qual, aliás, chega a tecer uma notável apologia.

Como é evidente, os tempos que vivemos são significativamente diferentes daqueles em que viveu Frei João, marcados esses por um secularismo descarado, ainda que por parte de minorias sociais, mas com forte influência nas decisões políticas, porque pertencentes à elite. O povo, esse, mantinha a sua religiosidade tradicional, e o clero encontrava-se entre essa elite preponderantemente agressiva e esse povo preponderantemente calado, mas fiel.

Os tempos pós-seculares em que vivemos conheceram alterações significativas nesse panorama, mesmo mantendo-se filhos das transformações introduzidas pela secularização, algumas certamente muito positivas.

Em primeiro lugar, a perspectiva secular – ainda que, muitas vezes, sem a agressividade do secularismo – alastrou-se, entretanto, francamente a todos os estratos da população, para além de se terem relativizado signi-

ficativamente as diferenças entre esses mesmos estratos. Nesse sentido, poderíamos dizer que os efeitos da secularização penetraram largamente na população europeia.

Em segundo lugar, a posição da elite – pelo menos da elite intelectual – tem sofrido significativas alterações, verificando-se muitas atitudes francamente abertas ao impacto positivo e mesmo fundamental do cristianismo na humanidade, até curiosas na exploração de dimensões por vezes esquecidas e ignoradas. Os exemplos de Luc Ferry e de Javier Cercas, vastamente comentados na obra, são disso muito elucidativos. Poderíamos até dizer, com algum exagero e certa ironia, que as posições se inverteram: a elite está mais atenta ao cristianismo e à possibilidade crente; a população – pelo menos certos grupos – essa estará francamente mais indiferente.

Por último, assistimos à recuperação – pelo menos em certos setores que conjugam população em geral e elites intelectuais – de práticas religiosas anteriores, sobretudo em perfis tradicionalistas, em alguns casos mesmo fundamentalistas. O que acontece no interior do cristianismo – e a França, enquanto contexto privilegiado do autor, é disso claro exemplo – mas também a partir do exterior, sobretudo através de uma presença crescente do islamismo na Europa – de que a França volta a ser claro exemplo.

Isso permite uma descrição da situação pós-secular em vários registos, que vão atravessando o texto e se vão cruzando livremente. Por um lado, certa interpretação prática da pós-secularidade como recuperação da pré-secularidade, em franca oposição ao “episódio” da secularização, agora pretensamente superado, ou então em vias de superação, mesmo como objetivo de luta. É o que acontece com os referidos grupos tradicionalistas ou fundamentalistas. No interior do cristianismo isso implica a ilusão de poder recuperar um estado de coisas que já não existe mais; mas implica também o desejo de recuperar uma vida eclesial e social de domínio total da Igreja, o que conduziu a muitos problemas, e que o autor reconhece de forma clara e corajosa. Do exterior do cristianismo, a posição é, muitas

vezes, de luta aberta com o cristianismo, acusado de perversão da relação com Deus; e de luta com o ocidente ou a Europa, acusado de debilidade civilizacional.

Mas a pós-secularidade pode assumir uma configuração moderada e mais realista. Trata-se, de facto, da superação progressiva das posições extremas, seja por parte de crentes que condenam os não crentes ou os crentes de outras religiões, seja por parte de não crentes, que condenam os crentes por obscurantismo. O reconhecimento da validade humana e mesmo epistemológica das diversas posições, na relação de várias crenças ou de crentes e não crentes, conduz a sociedades maduras, capazes de convivência pacífica e colaborativa entre posições diferentes, num saudável pluralismo, evitando promiscuidades perigosas entre trono e altar – para as quais, aliás, não faltam tentativas e mesmo exemplos vivos. Mas evitando também confrontos de civilizações e de religiões, até porque o islamismo não é uniforme e nem todos são fundamentalistas.

Nesse contexto superam-se também muitas posições de domínio, por parte de igrejas maioritárias, que em muitos casos referidos era a igreja católica. Sendo assim, a pós-secularidade será benéfica mesmo para a configuração do cristianismo, na perspectiva pessoal e comunitária, mas também na sua participação no espaço público, em debates que se cruzem com a política, a economia, etc. Muitas das reflexões deste volume possuem essa qualidade de atravessar fronteiras, não as tornando demasiado rígidas. Ao mesmo tempo, mesmo pensadores explicitamente não crentes exprimem o seu apreço pelo contributo do cristianismo para a sociedade contemporânea.

É claro que as sociedades europeias atuais continuam marcadas por muitas contradições e mesmo tensões. Mas isso é inevitável em qualquer sociedade – e também nas experiências religiosas dos habitantes dessas sociedades. E também é evidente que é necessário acordar certo cristianismo adormecido, não para recuperar privilégios ou poderes perdidos, mas para afirmar precisamente aquilo que constitui o núcleo da identi-

dade cristã, que mesmo não cristãos vão reconhecendo ser cada vez mais imprescindível para a humanidade.

As reflexões de José M. Cruz permitem-nos percorrer os sinuosos corredores quotidianos dos nossos contextos de vida, dando atenção ao que possa significar ser cristão nas mais variadas e complexas situações, tal como fez Frei João d'Ascensão, num contexto diferente e também numa posição pessoal certamente especial, como foi a sua. Mas o desafio é muito semelhante.

Estamos perante um extraordinário exemplo do que significa participar no debate público, sem medos, mas com sincera e genuína vontade de contribuir para o bem de todos.

JOÃO DUQUE
UCP – Braga

1. A Santa Capela é uma preciosidade da arquitectura religiosa e da arte do vitral. Para quem o desconheça, a Santa Capela situa-se em Paris, tão no centro da velha cidade que mais é impossível, logo a dois passos da Catedral de Notre Dame. A Santa Capela deve a sua designação ao facto de abrigar a Coroa de Espinhos do Rei dos Judeus e um fragmento da cruz do suplício, relíquias adquiridas pelo cristianíssimo Luís IX de França, rei taumaturgo elevado à santidade nem trinta anos após a sua morte.

Salto tanto como oitocentos anos, visto ter iniciado viagem no século XIII, centúria e reinado a que respeita a edificação de magnífico relicário, para de pronto me referir a um evento que ocorrerá dentro de duas semanas, por referência ao momento em que inicio escrita. Assim se anuncia que no dia imediato ao dia de Natal tenha lugar um serão no recinto da Santa Capela, que duas são na realidade, sobrepostas, mais sóbria a térrea, mais fascinante e comovente a superior, a que efectivamente acolhe as relíquias, aquela que era reservada à família real e a alguns eleitos, entre os favoritos.

Caracterizemos o serão em perspectiva como espiritual, uma vez que serão lidos fragmentos de «As Confissões» de Santo Agostinho. Haverá música erudita pelo Classic Ensemble, em que pontua o violino-solo David Braccini. Haverá divagação ensaística por David Djäiz, docente de Sciences Po. Haverá champanhe e tapas para quem se abonar de bilhete de acesso pouco abaixo dos cem euros.

Caracterizemos o serão como mundano, porque *buvette* e *bufette* não condigam com imersão espiritual. Caracterizemo-lo como mundano, mas aceitemo-lo no seu desenho, porque insondáveis sejam as vias do Senhor. Aceitemo-lo em si, mas evitemos levar a função pendente ao conhecimento de Santo Agostinho, não vá o Doutor da Igreja pedir satisfação a

ÍNDICE

Prefácio	9
I – A Santa Capela.....	15
II – Deveria espriar-me sobre mim	57
III – Não é que me perca.....	95
IV – Falando de mim.....	129
V – Do início do Verão de 2025	145
VI – Aludi uns poemas em forma de salmo.....	159
VII – Conclui o presente bosquejo	163
VIII – Alguns milagres.....	179
IX – Figuram entre os dispersos.....	195
X – Decaedro de uma elevação	203
Apenso	209